

A young man with a mustache, wearing a blue military helmet and a blue button-down shirt, is shown in a close-up shot. He is holding a machine gun and looking off to the side with a serious expression. The background is a blurred outdoor setting with trees and foliage.

SOLDADO MILHÕES

UM FILME DE GONÇALO GALVÃO TELES E JORGE PAIXÃO DA COSTA · PRODUZIDO POR UKBAR FILMES

ELENCO PRINCIPAL

Soldado Milhões (Jovem) João ARRAIS
Soldado Milhões (Adulto) Miguel BORGES
Adelaide Carminho COELHO
Malha-Vacas Raimundo COSME
Sabugal Isac GRAÇA
Penacova Tiago TEOTÓNIO PEREIRA
Capitão Ribeiro de Carvalho Ivo CANELAS
Jaime Cortesão Graciano DIAS
Major Escocês Nuno PARDAL
Teresa Lúcia MONIZ
Major Ferreira do Amaral António PEDRO CERDEIRA

EQUIPA

Realizado por Gonçalo GALVÃO TELES
Jorge PAIXÃO DA COSTA
Escrito por Jorge PAIXÃO DA COSTA
Mário BOTEQUILHA
Direcção de fotografia José António LOUREIRO
Direcção de arte Joana CARDOSO
Direcção de Produção João FONSECA
Som Pedro MELO
Branco NESKOV
Ivan NESKOV
Elsa FERREIRA
Montagem João BRÁZ
Efeitos digitais Jorge CARVALHO
Música original Pedro JANELA
Produzido por Pandora DA CUNHA TELLES
Pablo IRAOLA

PRODUÇÃO

Uma produção UKBAR FILMES
Com o apoio de ICA
NOS AUDIOVISUAIS
RTP

SOLDADO MILHÕES

UM FILME DE GONÇALO GALVÃO TELES E JORGE PAIXÃO DA COSTA · PRODUZIDO POR UKBAR FILMES

2018 · FICÇÃO · COR · PORTUGAL





Durante a Primeira Guerra Mundial, Portugal
envia mais de 75 000 soldados para a Flandres.
Aníbal Augusto de Milhais é um deles.

No ano do centenário da Batalha de La Lys,
os realizadores Jorge Paixão da Costa e Gonçalo Galvão Teles
inspiram-se em factos reais para nos contar a história do
Soldado Milhões.



01 SINOPSE

Aníbal Augusto Milhais é um entre tantos soldados enviados para a Flandres durante a Primeira Guerra Mundial. Na Batalha de La Lys, contrariando ordens superiores, enfrenta sozinho sucessivas ofensivas alemãs de maneira a garantir a retirada dos companheiros. Milhais demora vários dias até reencontrar o seu pelotão em Saint-Venant, protegido apenas pela sua arma – Luisinha – e um amuleto da sorte oferecido pela sua amada.

No ano em que se assinala o centenário da Primeira Guerra Mundial, acompanhamos o percurso do soldado Milhais, que valia milhões, através das suas memórias da guerra.





02 NOTA DOS REALIZADORES

Soldado Milhões, um herói que não sabia que existiam heróis e particularmente, que o não desejava ser.

Uma história muitas vezes nebulosa, novamente representada, mas como um relato realista de uma circunstância possível: a de que algures durante a Primeira Guerra Mundial, um jovem português analfabeto foi forçado a cumprir um dever, não por amor à Pátria, mas por amor à vida, e à necessidade de regressar para junto dos seus e daquilo que mais amava, a terra.

Aníbal Augusto Milhais, agindo como homem simples fruto das circunstâncias alcança tudo aquilo porque não tinha intenções de lutar “honras militares na qualidade de herói”; experiência essa que Aníbal provavelmente nunca percebeu se o fazia feliz ou infeliz. Mas que enfrentou, como tudo, com o sentido de dever com que tratou a terra, a família, enfrentou os perigos da

serra e as tropas alemãs do outro lado da trincheira. Não um homem que queria ser, mas um homem que tinha de ser.

Este filme olha, sobretudo, a total entrega de um homem que tinha tanto de humilde como de destemido, ao papel que a vida lhe reserva; neste caso o de viver como herói. E como última fatia do seu destino, precisamente o de ter que viver com esse fardo.

“Estou na guerra há um ano, mas parecem cem...”, relata o Soldado numa cena do filme. Esses 100 anos chegaram agora. É importante lembrá-los.

Gonçalo Galvão Teles,
Jorge Paixão da Costa





03 NOTA DOS PRODUTORES

A partir de relatos e de pesquisa documental nasceu o argumento do “Soldado Milhões”, assinado por Mário Botequilha. A pesquisa foi iniciada por Teresa Pereira à qual se juntou Cláudia Alves. O grande desafio era como coser inúmeros elementos históricos fundamentais para a compreensão do país e das tropas sem pesar a história do herói. Fazer um filme sobre um herói de guerra para toda a família que não fosse demasiado educativo foi determinante. Assim, existem muitas referências subtis, como a menção aos conflitos em Lisboa, na altura em que os soldados aguardam a ida para Flandres em 1917, ou a Guerra Civil Espanhola e a possível ameaça comunista, já na década de 40.

Se os nossos livros de cabeceira foram “Das Trincheiras com Saudade” de Isabel Pestana Marques e “O Herói da Primeira Guerra Mundial” de Francisco Galope, foram os extensos e extraordinários arquivos militares e da Cruz vermelha - através das suas cartas e fotos que ajudaram à reconstrução imagética das duas épocas. Foram consultadas edições da revista “Ilustração Portuguesa”, cartas enviadas ou apreendidas durante a guerra e documentos pessoais, como “Memórias da Guerra” ou os diários de Jaime Cortesão. Com

base nas cartas, inspirámo-nos para escrever novas cartas, criar o cristo das trincheiras, moinhos, lenços dos namorados e muitos outros detalhes. Foi também, através de fontes directas, adoptado o “calão das trincheiras” – expressões como “lãzudo”, “toupeiras” e “boches” usadas pelos soldados portugueses nas primeiras linhas da Frente Ocidental - foram importantes na criação dos diálogos.

No caso específico da Batalha de La Lys, o manual para construção das trincheiras do próprio CEP foi essencial em termos de escala e pormenor. As fardas foram confeccionadas de raiz à imagem da indumentária oficial usada pelo CEP na Europa. E foi recriado o motor interior do modelo da arma Lewis para mais se assemelhar à original.

Pandora da Cunha Telles,

Pablo Iraola







04 DE MILHAIS A MILHÕES

A presença portuguesa na Primeira Grande Guerra é ainda desconhecida por muitos, assim como a existência de Aníbal Milhais, o Soldado Milhões. Os seus atos de coragem durante a Batalha de La Lys valeram-lhe a mais alta condecoração nacional – a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. O soldado estava longe de imaginar que se viria a tornar no maior herói português da Primeira Guerra Mundial.

Aníbal Augusto Milhais nasceu em 1895 na aldeia de Valongo, concelho de Murça.

A 9 de abril de 1918 o soldado transmontano integrou a 2ª Divisão do Corpo Expedicionário Português que enfrentou os alemães na batalha de La Lys (Flandres), uma das mais sangrentas da Primeira Guerra Mundial. Perante o avanço das tropas inimigas, o contingente nacional (em menor número) viu-se obrigado a retirar, mas Aníbal Milhais não virou costas e enfrentou sozinho

as sucessivas ofensivas alemãs, possibilitando a retirada dos companheiros para posições de retaguarda. Depois de travar sozinho o avanço das tropas inimigas, o soldado português vagueou pelos campos da Flandres durante quatro dias, exposto ao fogo inimigo e sem conseguir encontrar o que restava da sua divisão. Ainda não estava a salvo no acampamento e já o relato da sua façanha ecoava no espírito combalido do exército português. Terá sido um médico escocês, salvo por Milhais de morrer afogado, o primeiro a dar conta do seu heroísmo. Quando finalmente chegou, são e salvo, o comandante ter-lhe-á dirigido a saudação que ficaria para a história:

-Tu és Milhais, mas vales Milhões.

De regresso a casa, o seu feito não foi esquecido. A aldeia que o viu nascer e morrer, mudou o nome para Valongo de Milhais e o epíteto Milhões transformou-se no sobrenome dos seus descendentes.





05 DUAS ÉPOCAS, UM FILME

Aníbal Augusto Milhais (João Arrais) é um entre tantos soldados enviados para a Flandres durante a Primeira Guerra Mundial. Durante a Batalha de La Lys, contrariando ordens superiores, enfrenta sozinho sucessivas ofensivas alemãs de forma a garantir a retirada dos companheiros. Milhais demora vários vês-se obrigado a caminhar durante dias até reencontrar o seu pelotão em Saint-Venant., protegido apenas pela sua arma – Luisinha – e um amuleto da sorte o lenço oferecido pela sua amada., até reencontrar o seu pelotão em Saint-Venant.

Na véspera de mais uma homenagem, já na década de 40, um lobo atormenta a aldeia do soldado a quem todos chamam herói. Aníbal (Miguel Borges) parte para a serra com o intuito de capturar o animal, desconhecendo que a filha Adelaide (Carminho Coelho) o segue. O bosque de Murça transforma-se num campo de batalha à medida que pai e filha enfrentam diferentes ameaças. No ano em que se assinala o centenário da Primeira Guerra Mundial, acompanhamos o percurso do soldado Milhais, que valia milhões, através das suas memórias da guerra.



06 EFEITOS ESPECIAIS

Para recriar o ambiente de guerra, a equipa de filmagem deslocou-se até vários locais espalhados por Portugal. Desde Murça, a aldeia onde nasceu Aníbal Milhais, até Ponte da Barca, Mafra, Cacilhas e, finalmente, o Campo de Tiro de Alcochete, onde foram reconstruídas as trincheiras da Batalha de La Lys.

Foram pós-produzidos mais de 500 planos digitalmente com efeitos especiais. Para criar a autenticidade do cenário de guerra, foram acrescentadas digitalmente explosões com debrís a voar, colunas de fumo e fogo, poeira resultante das explosões, disparos de armas e soldados mortos e edifícios destruídos para reforçar o cenário de devastação total.

Para criar a impressão de um exército maior, os soldados foram gravados em várias posições de maneira a serem multiplicados. A mesma técnica foi utilizada para as tendas e cenas de batalha.





07 BIOGRAFIA DOS REALIZADORES E ARGUMENTISTA

JORGE PAIXÃO DA COSTA

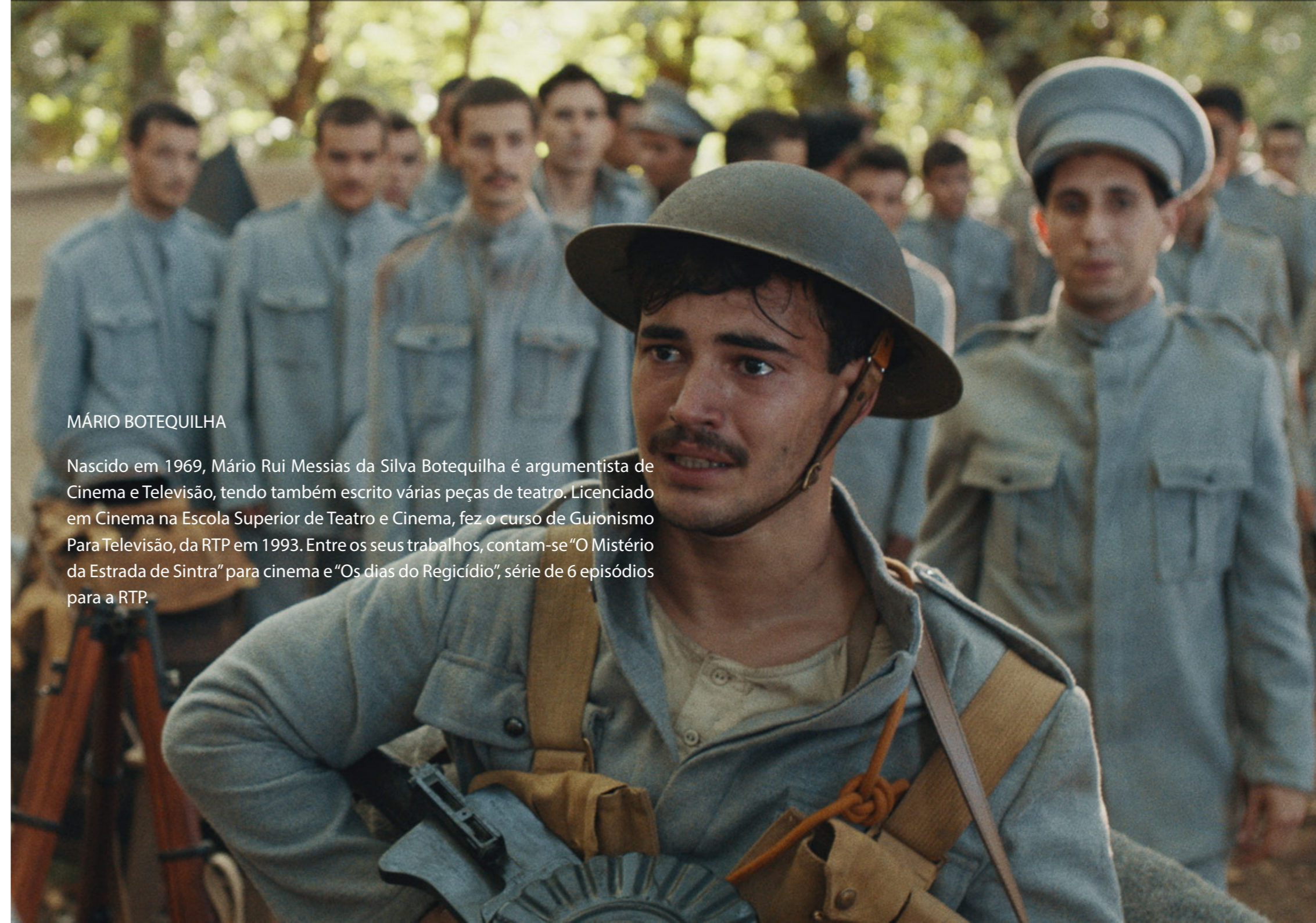
Nascido em Lisboa em 1954, Jorge Paixão da Costa é realizador e argumentista de cinema e televisão. Licenciado em Cinematografia na Universidade de Estocolmo, conta com mais de 30 anos de experiência. Realizador das longas-metragens “Adeus Princesa” e “O Mistério da Estrada de Sintra”, é na televisão que consolida a sua carreira, com a realização das telenovelas “Roseira Brava” (1995) e “Lusitana Paixão” (2001), entre várias outras, e algumas das séries mais vistas: “Polícias” (1996), “Não és Homem não és Nada” (1999), “A Ferreirinha” (2004) e “Nome de Código: Sintra” (2006), além de vários telefilmes. A série “República” (2010), da qual foi também co-autor, ganhou o prémio de Melhor Série Televisiva Portuguesa em 2010. Em 2015 assinou para a RTP a série documental “À Porta da História”.

GONÇALO GALVÃO TELES

Nascido em Lisboa em 1973, Gonçalo Galvão Teles é realizador e argumentista de cinema e televisão. Mestre em Escrita para Cinema e Televisão na University of Southern Califórnia. Em 2000, ganha o prémio Cartoon d’Or de Melhor Argumento para a curta-metragem de animação “A Suspeita”, de José Miguel Ribeiro. Em 2007, é galardoado com o Grande Prémio do Festival de Cinema Mediterrânico de Marrocos e o Prémio da Melhor Curta-metragem nos Caminhos do cinema Português, com “Antes de Amanhã”. Em 2010 escreve e realiza a curta-metragem “Senhor X”, finalista do Prémio Zon Criatividade e Prémio do Melhor Realizador e uma Menção Honrosa do Júri da Federação Internacional de Cineclubes nos Caminhos do Cinema Português. Em 2016 estreia a sua longa-metragem “Gelo”, co-realizada com Luís Galvão Teles, numa co-produção com Potenza Producciones. Venceu o Grande Prémio da edição da Primavera 2017 do Festival Internacional de Cinema de New Jersey e o Grande Prémio para Melhor Filme no Fantastic Planet Film Festival, em Sydney.

MÁRIO BOTEQUILHA

Nascido em 1969, Mário Rui Messias da Silva Botequilha é argumentista de Cinema e Televisão, tendo também escrito várias peças de teatro. Licenciado em Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, fez o curso de Guionismo Para Televisão, da RTP em 1993. Entre os seus trabalhos, contam-se “O Mistério da Estrada de Sintra” para cinema e “Os dias do Regicídio”, série de 6 episódios para a RTP.





08 UKBAR FILMES

A UKBAR FILMES tem vindo a impulsionar projetos narrativos com grande incidência em novos talentos e ativação de audiências em Portugal. Longas recentes incluem AL BERTO de Vicente Alves do Ó; COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR de Licínio Azevedo, em co-produção com Panda Filmes (BR), Les Films de L'Étranger (FR), URUCU Media (SA) e Ébano Multimédia (MZ), com estreia na Piazza Grande de Locarno e uma longa presença em festivais; a comédia independente A MÃE É QUE SABE, vencedora de dois prémios Sophia 2017; além das co-produções luso-brasileiras JOAQUIM de Marcelo Gomes, VAZANTE de Daniela Thomas (ambas selecionadas para a Berlinale de 2017) e THE MAN WHO KILLED DOM QUIXOTE de Terry Gilliam, em co-produção com a Tornasol Films, Entre Chien Et Loup, Kinology e Amazon Studios.

A UKBAR está neste momento a pós-produzir a longa-metragem GOLPE DE SOL, de Vicente Alves do Ó, o documentário LUPO de Pedro Lino, a série documental PORTUGAL SECRETO de Paula Gonzalez e Nuno Baptista e a curta-metragem 3 ANOS DEPOIS de Marco Amaral. Em rodagem está 522, a longa-metragem de Paco Baños. Ainda em 2018, a Ukbar dará início à rodagem de SANDRA de Simão Cayatte. Encontram-se em preparação os documentários DANIEL E DANIELA de Sofia Pinto Coelho e CONTOS DO ESQUECIMENTO de Dulce Maria Cardoso. O próximo ano vai trazer projetos como A ARTE DE MORRER LONGE de Júlio Alves (adaptado a partir do livro de Mário de Carvalho) e ESOPE, a longa-metragem do realizador afegão Atiq Rahimi que será inteiramente rodada em Portugal.



CONTACTOS

UKBAR FILMES

Imprensa

MARTA FONSECA

cinema@ukbarfilmes.com

NOS AUDIOVISUAIS

Distribuição

SAÚL RAFAEL

saul.x.rafael@nos.pt

ANDREIA MOURA

andreia.f.moura@nos.pt



